

**OCORRÊNCIA DAS CORREÇÕES
E RECONSTRUÇÕES NA FALA**

(continuação do número anterior)

Adão Aparecido Molina (UEM)

REFLEXOS DA ORALIDADE NA ESCRITA

Texto 1.B.

O termo açogueiro é utilizado nos dois textos com grande frequência.

Na utilização da palavra açogueiro, nossa informante ocultou a vogal “u” (açougueiro).

A versão escrita de seu texto não é muito esclarecedora porque o final da história não deixa claro o que aconteceu com o cachorro, inversamente à versão falada, que é mais completa.

Texto 2.B.

Nas linhas 7 e 8: Fiquei meio bobo na hora, pois nunca tinha visto isto acontecer de tão perto e ainda por cima com um parente meu.

Na linha 9: Meu pai gritando de dor me chamou...

Nas linhas 10 e 11: ...sabia que quando o sangue esfriasse ele não conseguiria tirar o sapato. Eu desesperado tirei e comecei então a chamar pela minha mãe...

Na linha 12: ... os vizinhos chegaram para ver o que tinha acontecido para prestar socorro.

Na linha 13: ... levamos meu pai para casa e então ele começou a puxar o pé do meu pai.

Na linha 15: Então minha mãe dispensou a ajuda dos vizinhos...

Na linha 22: Então minha mãe e eu com muita fé, rezamos por ele.

Nas linhas 23 e 24: ... apesar das dores que ele sente, quando o tempo muda para chuva...

Na linha 24: ... mas fora isso está tudo bem...

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Nas linhas 10 e 11, existe a ocorrência de uma elipse, ou seja, há a ausência do complemento sapato, uma marca própria da oralidade.

Nos demais exemplos, podemos observar a utilização de expressões comuns na fala, como: “puxar o pé do meu pai” deveria ser “puxar o seu pé”. E também a repetição constante da palavra “então”, comum na linguagem falada.

Texto 3.B.

Na linha 2: Ela ganhava, fácil, fácil, todas as corridas...

Na linha 6: ... a tartaruga, que estava cansada da conversa mole da lebre...

Na linha 8: A lebre rolou no chão de tanto rir.

Nas linhas 12 e 13: ...mas a lebre já estava cantando vantagem de novo...

Nas linhas 16 e 17: ... cada uma ia correr um pedacinho da corrida no lugar dela.

Na linha 18: ... ia correndo na frente, despreocupada...

No exemplo da linha 2, percebemos a construção de um superlativo através da repetição da palavra “fácil”, enquanto que o correto seria através da utilização da palavra “muito”, que ficaria “muito fácil”.

Na linha 12, aparece “cantando vantagem”, expressão muito comum, também denota marca da oralidade.

Nas linhas 16 e 17, aparece a expressão “da corrida no lugar dela”, que poderia ser substituída por: “do trajeto em seu lugar”.

Na linha 18, a utilização da expressão “na frente”, enquanto que o correto seria “à frente”.

REFLEXOS DA ESCRITA NA FALA

Texto 1.A.

Na linha 2 :... em uma manhã seca e árida...

Na linha 5: ... da sua sobrevivência...

Na linha 9: ... gritando em um beco...

Esses termos, utilizados por nossos informantes em suas produções faladas, foram termos corretos que geralmente na fala são substituídos por: em uma (numa), sua (dele), em um (num).

Texto 2. A.: Nas linhas 3 e 4 : ... e ao segurar a tábua...

Na linha 8 :... me chamou prá tirar seu sapato...

Na linha 12: ... havia apenas des/ destroncado...

Na linha 22: ... e após... ele ter saído do hospital...

Na linha 1: ... eu com meu pai trabalhávamos numa construção...

Na linha 3 ... estávamos fazendo a caxaria das vigas...

Na linha 5: ... quando eu olho para trás eu vejo meu pai caindo...

Texto 3.A.

Nas linhas 15 e 16: ... a lebre saiu levantando poeira... deixando a tartaruga para trás...

Na linha 20: ... ele saiu correndo e conseguiu ultrapassá-la...

O que podemos observar é que nossos informantes, nos exemplos grifados, fizeram uso de expressões, de concordâncias e também de tempos verbais corretamente na construção de seus textos falados; essas ocorrências são marcas típicas da modalidade escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não fizemos análise exaustiva das ocorrências, visto nosso objetivo ser somente ilustrar os casos. As hesitações, geralmente, são utilizadas como formas de planejamento do discurso. Em alguns casos, essas hesitações antecedem as repetições. As mais comuns aqui apresentadas são: *éh*, *eh* e *ih*.

Comparando os textos falados com os escritos, podemos notar que não existe igualdade total de conteúdo, porém as histórias são as mesmas; mudam apenas porque diferem no processo de elaboração de uma para outra. Através dessa concepção é que notamos, nesses textos, que a

fala é dinâmica, porque é um processo e necessita de mecanismos que facilitem a sua interação, enquanto que a escrita é estática, pois seus textos já se apresentam prontos, corrigidos, porque são o resultado de uma produção.

Podemos, também, notar que, mesmo conhecendo as duas modalidades, cada informante utilizou a linguagem de maneira particular para produzir seus textos.

Os nossos informantes selecionados demonstraram em seus textos falados um conteúdo maior que nos escritos, enquanto que os demais informantes, mesmo usando os mecanismos de elaboração da fala constantemente, procuraram passar rapidamente suas histórias, ocupando, assim, um espaço menor.

Como traços diferenciadores de uma modalidade para a outra, podemos perceber a própria estrutura que nos aponta o texto escrito, permeado de pontuações típicas, com pontos, vírgulas, parágrafos etc., enquanto que no texto falado, na maioria das vezes, é a pausa que define essas alternâncias ou mudanças de períodos.

Conforme se pôde verificar, nossa análise permitiu constatar que foram utilizados, com grande frequência pelos nossos informantes, vários mecanismos de elaboração da fala em todas as suas produções. Os mais comumente empregados na construção do texto oral foram: as correções, as repetições e as paráfrases.

Também percebemos, durante toda análise do *corpus*, que, mesmo conhecendo a norma padrão, cada informante utilizou, de maneira particular, a linguagem oral e a escrita. Embora houvesse uma preocupação por parte dos mesmos em manter a linguagem dentro dos padrões, acabaram produzindo textos com uma linguagem comum, bastante clara e acessível, utilizando, na fala, construções típicas da escrita e também, na escrita, algumas construções da fala.

Verificamos que em diferentes produções individuais nossos informantes utilizaram a escrita e a fala de formas completamente independentes, cada um à sua maneira. Pudemos perceber isso em todo o *corpus* analisado, onde detectamos uma semelhança de resultados no contexto geral, apontando as diferenças no processo de utilização de cada modalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e lingüística*. 9. ed., São Paulo : Scipione, 1996.
- CASTILHO, A. T. (org.). *Gramática do português falado*. Vol. 1: A ordem. Campinas : UNICAMP, 1990.
- FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo : Ática, 1991.
- GERALDI, J. W. (org.). *O texto na sala de aula*. Cascavel : ASSOESTE-Educativa, 1984.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A interação pela inteligência*. São Paulo : Contexto, 1992.
- . *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo : Contexto, 1997.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 2. ed., São Paulo : Ática, 1991.
- . *Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções*. Texto datilografado. Recife/Frinburg, 1987.
- MATENCIO, M. de L. M. *Leitura, produção de textos e a escola*. Campinas : Mercado de Letras/Autores Associados, 1994.
- MOLINA, A. A. *Reflexos da oralidade na escrita e da escrita na fala*. Monografia apresentada à Universidade Estadual de Maringá, 1997.
- PRETI, D. & URBANO, H. (org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo : FAPESP, v. 4, 1990.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. 20. ed., São Paulo : Cultrix, 1995.
- TERRA, E. *Linguagem, língua e fala*. São Paulo : Scipione, 1997.